

A Utilização da Inteligência Artificial na Educação da Enfermagem: Inovação, Limites e Responsabilidades Éticas

The Use of Artificial Intelligence in Nursing Education: Innovation, Limitations, and Ethical Responsibilities

Yasminne Corrêa Lopes¹, William da Costa Moreira² e Gabriela Pereira da Silva³

1. Acadêmica concluinte do curso Enfermagem do Centro Universitário Descomplica UniAmérica. 2. Docente do curso Enfermagem do Centro Universitário Descomplica Uniamérica. Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). <https://orcid.org/0000-0001-6685-3549> 3. Docente do Colegiado de Enfermagem do Centro Universitário Descomplica UniAmérica.

yasminnecm05@gmail.com e william.moreira@descomplica.com.br

Palavras-chave

Educação na Enfermagem
Estudantes de Enfermagem
Inteligência Artificial

Keywords

Nursing Education
Nursing Students
Artificial Intelligence

Resumo:

Objetivo: Analisar os efeitos da utilização da Inteligência Artificial (IA) na formação em Enfermagem, considerando contribuições ao ensino teórico prático, limites pedagógicos/institucionais e implicações éticas. **Metodologia:** Estudo observacional, exploratório e quantitativo realizado em uma Instituição de Ensino Superior (IES) de Foz do Iguaçu – PR com estudantes e docentes de Enfermagem. **Resultados:** Participaram 72 respondentes, de todos os períodos da IES; 97,2% relataram conhecer/usar IA com frequência ou ocasionalmente; destaque para acesso rápido à informação (92%), economia de tempo (86%) e apoio à aprendizagem (81%); uso como suporte à decisão clínica avaliado com cautela (47%); preocupações incluíram redução da autonomia (49%), dependência (44%) e dificuldade de avaliar confiabilidade (42%), com 93% já tendo encontrado informações incorretas; crença no uso ético (83,3%), interesse por mais formação (68,1%) e relatos de uso inadequado (65,3%). **Conclusão:** A IA encontra-se incorporada ao cotidiano formativo como aliada ao estudo e à organização do trabalho acadêmico, mas requer letramento digital, diretrizes de uso responsável e práticas de checagem que preservem o julgamento clínico. Recomendam-se incorporar trilhas sobre IA desde os períodos iniciais e instituir políticas de integridade em aprendizagem significativa.

Abstract:

Objective: To analyze the effects of using Artificial Intelligence (AI) in Nursing education, considering contributions to theoretical and practical teaching, pedagogical/institutional limitations, and ethical implications. **Methodology:** An observational, exploratory, and quantitative study conducted at a Higher Education Institution (HEI) in Foz do Iguaçu – PR with Nursing students and faculty. **Results:** 72 respondents participated, from all periods of the HEI; 97.2% reported knowing/using AI frequently or occasionally; highlights included quick access to information (92%), time savings (86%), and support for learning (81%); use as support for clinical decision-making was evaluated with caution (47%); concerns included reduced autonomy (49%), dependence (44%), and difficulty in assessing reliability (42%), with 93% having already encountered incorrect information; belief in ethical use (83.3%), interest in further training (68.1%), and reports of inappropriate use (65.3%). **Conclusion:** AI is being incorporated into daily educational life as an ally to study and the organization of academic work, but it requires digital literacy, guidelines for responsible use, and verification practices that preserve clinical judgment. It is recommended to incorporate learning paths on AI from the initial stages and to institute integrity policies in meaningful learning.

Artigo recebido em: 03.10.2025.

Aprovado para publicação em:
07.11.2025.

INTRODUÇÃO

A Inteligência Artificial (IA) é o campo da informática que compreende a inteligência, o raciocínio e o aprendizado conduzidos por máquinas semelhantes ao raciocínio humano, procurando desenvolver sistemas especialistas capazes de simular o pensamento humano de maneira independente e autônoma. O uso da IA tem se expandido nos últimos anos, sobretudo, em decorrência de um avanço tecnológico sem precedentes em diversas linhas de pesquisa e desenvolvimento na área, bem como de um crescente aumento de capacidades de processamento e armazenamento nos dispositivos em geral (PRAXEDES, 2024).

A Enfermagem é a área da saúde que se dedica ao cuidado e à assistência ao ser humano no atendimento de suas necessidades básicas, abrangendo ações de prevenção, tratamento e reabilitação. O profissional da área, o enfermeiro, pode atuar em hospitais, programas de saúde pública, unidades de saúde, enfermagem do trabalho e atendimento domiciliar (BACKES; SOUSA; ERDMANN, 2009).

No campo da educação em enfermagem, simulações clínicas são utilizadas já há algum tempo para preparar os estudantes em ambientes controlados, simulando pacientes e facilitando a aplicação das práticas desenvolvidas em sala de aula (FERREIRA AYDOGDU, 2022). A utilização da IA na educação da enfermagem é um tema de crescente interesse na sociedade atual, dado o seu potencial em transformar o processo de ensino-aprendizagem (PEREIRA; RODRIGUES, 2024; SOARES et al., 2023; PINHEIRO; VALENTE, 2024; FERNANDES et al., 2024). O uso da IA como ferramenta de suporte no provimento de informações contribui para a identificação de padrões, definição de diagnósticos e comunicação entre docente e aluno, auxiliando na tomada de decisões (GONÇALVES et al., 2024).

Por outro lado, ferramentas como o ChatGPT, um chatbot desenvolvido pela OpenAI e lançado em 2022, passaram a ser amplamente utilizadas por estudantes em suas rotinas acadêmicas, tornando-se fonte de consultas e obtenção de conhecimento na elaboração de pesquisas e trabalhos. A democratização dos processadores de linguagem natural, especialmente o ChatGPT e similares, traz à tona uma preocupação com relação aos limites éticos na prática do ensino e da aprendizagem. A facilidade em que o processamento de linguagem natural de forma escrita, verbal e a produção de textos gerando saídas cada vez mais natural nos provoca questionar até onde seria possível aceitar os avanços tecnológicos nos ambientes de ensino sem que prejuízos e consequências negativas ocorram, sobretudo, em uma área de grande valor e importância ao ser humano, que é a enfermagem (PRAXEDES, 2024).

Diante das constantes transformações tecnológicas, sobretudo, o avanço da IA, é importante analisar como o ensino da enfermagem vem reagindo a estes avanços. A inserção de novas tecnologias no ensino da enfermagem suscita questionamentos sobre suas implicações na formação dos profissionais da área, especialmente nos aspectos éticos e humanísticos inerentes à prática de enfermagem (FLORÊNCIO et al., 2019; PERISSÉ et al., 2019; SÁ; NABAIS, 2020; SAMPAIO LUIZ; CASTRO, 2024). Ainda que o cuidado humano seja insubstituível, a incorporação de ferramentas inteligentes na prática de enfermagem nos provoca olhar mais atencioso sobre a área. Assim, o objetivo deste estudo foi analisar os efeitos da utilização da IA na formação acadêmica de enfermagem, considerando contribuições para o ensino teórico e prático, desafios e limitações pedagógicas e institucionais, e implicações éticas no desenvolvimento profissional.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Trata-se de estudo observacional, exploratório e quantitativo, realizado em uma instituição de ensino superior localizada em Foz do Iguaçu, Paraná, envolvendo professores e estudantes do curso de Enfermagem

que utilizam ferramentas de Inteligência Artificial no processo de ensino-aprendizagem. A cidade de Foz do Iguaçu, situada na tríplice fronteira com Argentina e Paraguai, apresenta um cenário acadêmico diversificado e dinâmico, que se configura como espaço relevante para o desenvolvimento da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário online estruturado no Google Formulários, composto por cerca de 30 questões, elaborado com base em revisão teórica prévia sobre IA aplicada à educação em enfermagem. O instrumento englobou informações sociodemográficas, nível de conhecimento sobre IA, uso de ferramentas digitais e percepção dos participantes quanto ao impacto da IA no ensino. As respostas foram obtidas de forma anônima, respeitando os princípios éticos. As perguntas do questionário apresentaram opções de resposta considerando a escala de Likert em escala de 5 pontos, a saber: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo parcialmente; 3 – Neutro/Nem concordo nem discordo; 4 – Concordo parcialmente; 5 – Concordo totalmente.

Os critérios de inclusão definidos foram: estar matriculado como estudante ou vinculado como docente do curso de Enfermagem da instituição, ter idade mínima de 17 anos e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram excluídos questionários incompletos, duplicados ou de pessoas não vinculadas ao curso. A amostra foi calculada a partir da população de 171 indivíduos (166 estudantes e 5 docentes), estimando-se a necessidade mínima de 102 participantes, considerando nível de confiança de 95% e erro amostral de 5%.

Os dados coletados foram tabulados em planilhas do Microsoft Excel e Google Planilhas e, em seguida, exportados para análise estatística descritiva realizada com apoio do software Jamovi. Foram utilizadas frequências absolutas e relativas, além de medidas de tendência central, com apresentação dos resultados em tabelas e gráficos. O estudo foi desenvolvido após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, com base no parecer N° 7.766.933, em consonância com a Resolução n° 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), assegurando a confidencialidade e o caráter voluntário da participação.

ANÁLISES REALIZADAS

A análise dos dados coletados foi conduzida em duas etapas complementares: estatística descritiva e estatística inferencial.

ESTATÍSTICA DESCRITIVA

Foram calculadas frequências absolutas e relativas para variáveis categóricas (como curso, período acadêmico, familiaridade com IA, finalidades de uso e percepção de benefícios e riscos). Além disso, foram apresentados gráficos e tabelas que permitem visualizar o perfil da amostra, a distribuição do uso da IA e as percepções associadas.

ESTATÍSTICA INFERENCIAL

Foram aplicados testes para verificar relações entre variáveis e diferenças entre grupos:

Teste do qui-quadrado de independência: utilizado para verificar a associação entre o período acadêmico e a frequência de uso da IA.

ANOVA de uma via e Kruskal–Wallis: aplicados para comparar a percepção de benefícios entre os diferentes períodos acadêmicos.

Correlação de Spearman: utilizada para verificar associações entre variáveis ordinais.

Confiabilidade interna (alfa de Cronbach): utilizada para verificar a consistência dos blocos de itens que avaliaram percepção de benefícios ($\alpha=0,81$, considerado satisfatório) e preocupações ($\alpha=0,73$, considerado adequado).

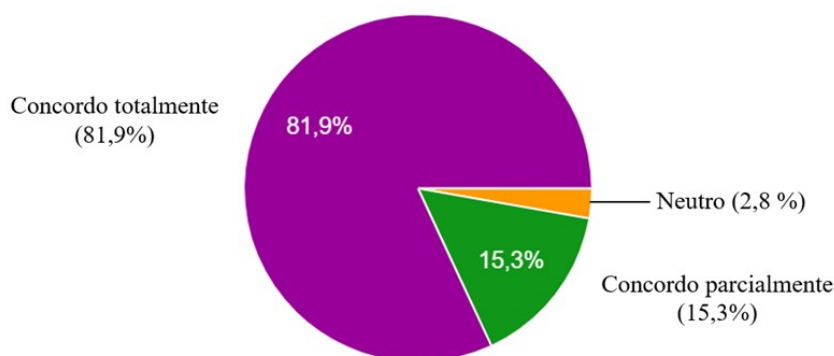
A pesquisa contou com a participação de 72 respondentes, dos quais 69 eram estudantes de Enfermagem e três eram professores. Houve representação de todos os períodos da graduação, com maior concentração no segundo período, que correspondeu a 23,6% da amostra, e no oitavo período, com 19,4%. Os demais períodos apresentaram participação entre 1,4% e 12,5%. Esses dados asseguram a heterogeneidade da amostra e permitem analisar percepções tanto de estudantes em fases iniciais quanto em etapas mais avançadas da formação.

QUADRO 1 – Distribuição da amostra por período acadêmico

Período	N	%
1º	8	11,1
2º	17	23,6
3º	3	4,2
4º	9	12,5
5º	3	4,2
6º	8	11,1
7º	2	2,8
8º	14	19,4
9º	1	1,4
10º	4	5,6
Professores	3	4,2
Total	72	100

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

GRÁFICO 1 - Frequência de uso de ferramentas de IA em atividades acadêmicas

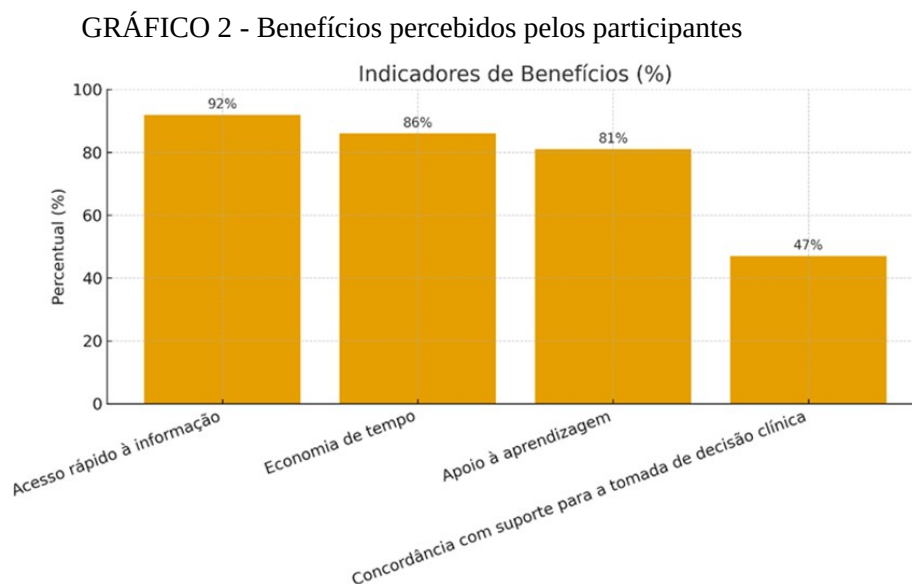


Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Em relação ao conhecimento e ao uso de Inteligência Artificial, 97,2% dos participantes (distribuídos entre 81,9% que responderam “Concordo totalmente” e 15,3% que responderam “Concordo parcialmente”) afirmaram já ter ouvido falar sobre o tema e mais de três quartos relataram utilizar ferramentas de IA de forma frequente ou ocasional em suas atividades acadêmicas.

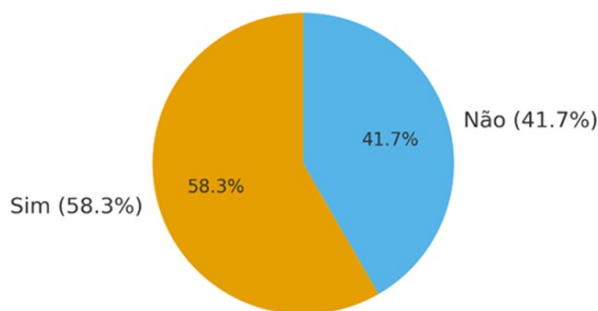
A percepção de benefícios foi elevada. O índice construído a partir dos itens de concordância apresentou média de 4,05 (DP=0,69) e confiabilidade interna satisfatória ($\alpha=0,82$). Entre os aspectos mais valorizados

destacaram-se o acesso rápido à informação (92%), a economia de tempo (86%) e o apoio à aprendizagem (81%). Por outro lado, o uso da IA como suporte para a tomada de decisão clínica foi avaliado com maior cautela, obtendo 47% de concordância.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

GRÁFICO 3 – Estudantes que já encontraram informações incorretas em ferramentas de IA



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Em contrapartida, também emergiram preocupações relacionadas ao uso da IA. O índice de riscos apresentou média de 3,63 (DP=0,71) e confiabilidade interna baixa ($\alpha=0,54$). Entre as principais preocupações, 49% afirmaram que a tecnologia pode reduzir a autonomia no pensamento, 44% apontaram risco de dependência e 42% relataram dificuldade em avaliar a confiabilidade das respostas. Um dado marcante foi que 93% dos participantes relataram já ter encontrado informações incorretas ao utilizar ferramentas de IA.

No campo ético e pedagógico, 83,3% dos respondentes declararam acreditar que a IA pode ser utilizada de forma ética e responsável no ensino. Além disso, 68,1% manifestaram interesse em receber mais conteúdos sobre o tema ao longo da graduação, e 65,3% afirmaram já ter presenciado ou ouvido relatos de usos inadequados dessas ferramentas em contextos acadêmicos.

O teste do qui-quadrado de independência não apontou associação significativa entre o período acadêmico e a frequência de uso da IA ($\chi^2=33,36$; gl=36; $p=0,595$), sugerindo que o padrão de utilização é homogê-

neo entre calouros e veteranos. A análise de variância (ANOVA) também não demonstrou diferenças estatisticamente significativas entre períodos quanto à percepção de benefícios ($F=0,69$; $p=0,714$), resultado confirmado pelo teste de Kruskal–Wallis ($H=7,75$; $p=0,560$). Em contrapartida, a correlação de Spearman evidenciou forte associação positiva entre a percepção de benefícios e a frequência de uso da IA ($\rho=0,681$; $p<0,001$), indicando que quanto maior a percepção de utilidade, maior a utilização da tecnologia. Por outro lado, não foi encontrada correlação significativa entre percepção de benefícios e preocupações ($\rho=-0,014$; $p=0,905$), o que demonstra que ambas as dimensões coexistem de maneira independente.

DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa indicam uma ampla inserção da IA no cotidiano formativo do curso de Enfermagem analisado. A elevada familiaridade (97,2% já ouviram falar e utilizam a IA de forma frequente ou ocasional) e a distribuição heterogênea dos 72 respondentes, com representação de alunos de todos os períodos e participação expressiva do 2º (23,6%) e do 8º (19,4%) períodos, sugerem que a adoção das ferramentas digitais não é um fenômeno restrito a nichos ou fases específicas do curso, mas uma prática disseminada desde calouros a veteranos. Esses achados fazem relação com a literatura que descreve a IA como tecnologia já incorporada às rotinas de formação e cuidado em Enfermagem, com potencial para reorganizar fluxos de estudo, acesso a conteúdo e práticas de raciocínio clínico (PRAXEDES, 2024; FERREIRA AYDOGDU, 2022). Ao mesmo tempo, reafirmam a percepção, já descrita por Gonçalves et al. (2024), de que os estudantes tendem a reconhecer a IA como parte natural do ecossistema pedagógico contemporâneo.

No que se refere aos benefícios percebidos, os respondentes valorizam sobretudo o acesso ágil à informação (92%), a economia de tempo (86%) e o apoio à aprendizagem (81%), resultando em média elevada no índice de benefícios (4,05; DP=0,69). Esta observação está alinhada ao que Soares et al. (2023) descrevem como promessa pedagógica da IA: ampliação de repertórios, personalização do estudo e dinamização de atividades, favorecendo maior autonomia discente. Praxedes (2024) reforça que, quando corretamente integrada a fluxos de trabalho educacionais e assistenciais, a IA pode atuar como catalisadora de produtividade e apoio à decisão, desde que ancorada em diretrizes de qualidade e segurança. A ênfase em “ganhos de tempo” e “amplitude de busca” também converge com experiências de implementação de tecnologias educacionais na graduação em Enfermagem (FLORÊNCIO et al., 2019), nas quais a mediação tecnológica, quando bem planejada, funciona como dinamizador do ensino e não como substituto do raciocínio profissional.

Por outro lado, o uso da IA como suporte direto à tomada de decisão clínica foi percebido com cautela (47% de concordância), o que evidencia prudência dos participantes frente a contextos de maior risco. Esse achado é coerente com o papel do enfermeiro descrito por Backes, Sousa e Erdmann (2009), para quem a tomada de decisão é sustentada por competências técnico-científicas, julgamento ético e responsabilização pelo cuidado e dimensões que a IA não substitui. Em termos pedagógicos, tal prudência sugere a necessidade de cenários de aprendizagem que explicitem limites e possibilidades da IA em casos clínicos, privilegiando a validação de evidências, a leitura crítica de resultados algorítmicos e o confronto entre recomendações automatizadas e protocolos institucionais. Sampaio Luiz e Castro (2024) argumentam que a excelência do cuidado emerge quando tecnologias e saberes profissionais se interligam de forma crítica e contextual, e não por mera delegação da decisão à ferramenta.

As preocupações dos participantes da pesquisa mostram que ética e letramento digital são temas importantes: quase metade teme redução da autonomia de pensamento (49%) e risco de dependência (44%), 42%

relatam dificuldade em avaliar a confiabilidade das respostas e um grande número (93%) afirma já ter encontrado informações incorretas ao usar IA. Esses dados confirmam o comportamento descrito por Fernandes et al. (2024) e por Pinheiro e Valente (2024), que discutem o “duplo movimento” da IA na educação: ao mesmo tempo em que potencializa a aprendizagem, pode induzir vieses, superficialidade e falta de autonomia, caso não haja mediação ética e didática.

A adesão à IA aparece acompanhada de expectativa formativa: 83,3% acreditam ser possível utilizá-la de forma ética e responsável, e 68,1% desejam receber mais conteúdos sobre o tema ao longo da graduação. Essa necessidade por formação específica encontra coerência com o disposto por Pereira e Rodrigues (2024), que identificam lacunas curriculares e heterogeneidade na integração didática da IA em cursos de Enfermagem. A literatura sobre tecnologias educacionais (FLORÊNCIO et al., 2019) indica que os ganhos pedagógicos dependem de planejamento instrucional, objetivos claros e avaliação formativa, e não de adesão espontânea a ferramentas.

Por fim, é importante reconhecer limites e implicações. Como a pesquisa foi feita numa só instituição e com dados autorrelatados, é prudente evitar uma ampla generalização sobre o tema; ainda assim, a homogeneidade de padrões entre períodos e a coexistência de benefícios e preocupações configuram tendências plausíveis para contextos semelhantes. Do ponto de vista institucional, os dados sustentam a implementação de políticas de ensino para letramento em IA e guias de uso responsável da IA, que são algumas medidas que vão de encontro às recomendações éticas e pedagógicas discutidas em parte da literatura referenciada neste artigo (PRAXEDES, 2024; PEREIRA; RODRIGUES, 2024; PINHEIRO; VALENTE, 2024; FERNANDES et al., 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados desta pesquisa indicam que a IA já compõe o cotidiano da formação em Enfermagem na instituição analisada, com relevante familiaridade e uso entre estudantes e docentes. A amostra, composta por 72 respondentes e distribuída por todos os períodos, confirma a heterogeneidade do público e sustenta a leitura de que a adoção da IA é transversal ao longo do curso. Nesse cenário, a proporção de participantes que reconhecem e utilizam ferramentas de IA (97,2%) reforça a consolidação desse repertório tecnológico no ambiente acadêmico e sinaliza um movimento de incorporação que não se limita a perfis específicos de semestre ou experiência prévia.

No eixo dos benefícios, destacaram-se o acesso ágil à informação (92%), a economia de tempo (86%) e o apoio à aprendizagem (81%), compondo um índice de benefícios elevado e que variaram juntos e de forma coerente. Observou-se, ainda, forte associação entre perceber a utilidade da IA e utilizá-la com maior frequência, evidenciando um ciclo virtuoso no qual a experiência positiva retroalimenta o engajamento. Em paralelo, nota-se prudência do entrevistado quanto ao emprego da IA na tomada de decisão clínica (47% de concordância), o que sugere compreensão dos limites tecnológicos frente ao julgamento profissional e às responsabilidades inerentes ao cuidado. Em síntese, os resultados apontam para uma visão pragmática: a IA é bem-vinda como apoio ao estudo e à organização do trabalho acadêmico, sem que isso implique delegar e confiar processos críticos ao algoritmo.

No eixo dos riscos e responsabilidades, as preocupações mais frequentes envolveram a autonomia de pensamento (49%), o risco de dependência tecnológica (44%) e as dificuldades de aferir a confiabilidade das respostas (42%), além do dado expressivo de que 93% já se depararam com informações incorretas. Ainda

assim, prevalece a crença de que é possível utilizar a IA de forma ética e responsável (83,3%), acompanhada do desejo por maior formação específica (68,1%) e do relato de vivências ou relatos de uso inadequado (65,3%). Esses elementos, combinados, configuram uma demanda institucional clara para o desenvolvimento de competências digitais, diretrizes de integridade acadêmica e práticas pedagógicas que ensinem não apenas “como usar”, mas “quando, para quê e com quais critérios validar” o uso de IA em contextos formativos e de simulação clínica.

Não se identificou diferença entre os períodos do curso nem no quanto a IA é usada, nem em como os benefícios são percebidos. Além disso, benefícios e preocupações caminham separadas: dá para valorizar o que a IA entrega sem ignorar os riscos. O que isso sugere na prática? Tratar o assunto como transversal desde o primeiro semestre, com trilhas simples e objetivos claros; ensinar a checar respostas, citar corretamente e registrar quando a IA foi usada; e dar suporte aos professores para criarem atividades que incentivem o uso responsável (e não o “atalho”).

Por fim, é importante frisar os limites deste estudo: foi conduzido em uma única instituição, em um recorte de tempo específico, com respostas autorrelatadas e uma amostra menor que a estimada, ou seja, recomenda-se parcimônia nas generalizações desta conclusão. Como sugestão de desdobramento do estudo, recomenda-se a expansão da pesquisa para que abranja mais localidades determinantes das amostras, acompanhando os estudantes ao longo do tempo, e que comparem estratégias de letramento em IA, mensurando impactos em desempenho, raciocínio clínico, integridade acadêmica e segurança do paciente em cenários de simulações. Em termos conclusivos, a IA funciona melhor como parceira do aprendizado, e não como substituta do julgamento profissional, exigindo da instituição políticas claras, formação continuada e cultura de validação para que a inovação se converta em aprendizagem significativa e cuidado seguro.

REFERÊNCIAS

- BACKES, M. S.; SOUSA, F. G. M.; ERDMANN, A. L. **O papel do enfermeiro no contexto hospitalar: a visão de profissionais de saúde**. DOI: 10.4025/cienccuidsaude.v7i3.6490. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 7, n. 3, p. 319-326, 6 mar. 2009.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2025.
- FERNANDES, Allysson Barbosa et al. **A ÉTICA NO USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA PROFESSORES E ESTUDANTES**. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 346–361, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i3.13056. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13056>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- FERREIRA AYDOGDU, A. L. **Inteligência artificial e enfermagem: reflexão sobre o uso de tecnologias no processo de cuidar**. *Revista de Enfermagem da UFJF*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2022. DOI: 10.34019/2446-5739.2020.v6.37017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/enfermagem/article/view/37017>. Acesso em: 26 mar. 2025.
- FLORÊNCIO, Marlene Vitorino et al. **Tecnologias educacionais na graduação em enfermagem: um dinamizador do processo de ensino***. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 7 out. 2019.
- GONÇALVES, J. de S.; ARAÚJO, P. F. de; MOREIRA, D. P.; SOARES, F. de M.; SALES, D. S.; SILVA, A. Z. da; FREIRES, A. V. A. F.; CAVALCANTE, M. G. S. **O uso da inteligência artificial no processo formativo de acadêmicos de enfermagem**. *Caderno Pedagógico*, [S. l.], v. 21, n. 7, p. e5593, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n7-095. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/5593>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- PEREIRA, M. C. Q. V.; RODRIGUES, D. M. F. **Inteligência artificial na educação em enfermagem: que realidade?**. *Brazilian Journal of Health Review*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. e67946, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n2-068. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/67946>. Acesso em: 29 mar. 2025.

PERISSÉ, L.; PERISSÉ, B. T.; FONSECA, C. dos S. G. da; SAMPAIO, C. E. P. **Desafios e limitações do enfermeiro inerentes à incorporação de novas tecnologias:** Nurses' challenges and limitations inherent in the incorporation of new technologies. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, [S. l.], v. 87, n. 25, 2019. DOI: 10.31011/reaid-2019-v.87-n.25-art.208. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/208>. Acesso em: 31 mar. 2025.

PINHEIRO, Weider Silva; VALENTE, Evelyn Aida Tonioli. **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO: ENTRE A INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E O DESAFIO ÉTICO.** *Revista Políticas Públicas & Cidades*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. e1257, 2024. DOI: 10.23900/2359-1552v13n2-255-2024. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/1257>. Acesso em: 29 mar. 2025.

PRAXEDES, Marcus Fernando Da Silva. **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA ENFERMAGEM: AVANÇOS, DESAFIOS E IMPLICAÇÕES.** In: *O cuidado em saúde baseado em evidências - Volume 5*. 1. ed. [S. l.]: Editora Científica Digital, 2024. p. 35–40.

SÁ, Maria Do Céu; NABAIS, Ana Sofia. **QUE IMPORTÂNCIA ATRIBUEM OS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM ÀS NOVAS TECNOLOGIAS.** In: SÁ, Susana Oliveira E. *et al.* (Eds.). *New Trends In Qualitative Research*. [S. l.]: Ludomedia, 2020. p. 283–296.

SAMPAIO LUIZ, G.; APARECIDA DIAS DA SILVA CASTRO, A. **INTERLIGANDO TECNOLOGIAS E CUIDADOS EM ENFERMAGEM: SUPERANDO DESAFIOS E PROMOVENDO A EXCELÊNCIA NO CUIDADO AO PACIENTE.** *Revista Saúde Dos Vales*, [S. l.], v. 10, n. 1, 2024. DOI: 10.61164/rsv.v10i1.2942. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/rsv/article/view/2942>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SOARES, Bruno Johnson; FRANCO, Diego; SABINO, Bruno; EGUCHI, Michele. **Implicações da inteligência artificial na educação.** *TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, n. 28, 2023, p. 76-86.

